

Após a segunda guerra mundial, o Japão viveu um período de profunda reconstrução material e social. Numa fase marcada pela força do movimento metabolista e por uma intensa procura, as casas unifamiliares eram vistas como irrelevantes, arquitetónica, cultural e financeiramente: eram uma arquitetura menor.

No início dos anos 60, o jovem arquitecto Kazuo Shinohara, originalmente formado em matemática, decidiu concentrar-se nas encomendas que os grandes nomes da geração anterior desvalorizavam. Em 1962, afirmou que “uma casa é uma obra de arte”, afastando a casa do poder económico, político e tecnológico da sociedade e da Arquitectura e aproximando-a da dimensão criativa, e crítica, da Arte. Face a esta afronta disciplinar, nas décadas seguintes Shinohara tornou-se a referência de uma geração de jovens arquitectos que definiram um novo panorama arquitetónico no Japão. A casa foi o laboratório para a experimentação arquitetónica de toda uma geração.

O livro reúne uma seleção de 250 casas construídas no Japão entre 1961 e 1992. Numa cadência regular e arquivista, cada casa ocupa o mesmo espaço, uma dupla página, e é a soma desse espaço nivelado que dá corpo ao livro. A ausência clara de qualquer outro conteúdo, que possa condicionar ou distrair, suporta a intenção única deste livro enquanto arquivo. A dimensão física e tátil do objecto, tangível tanto no seu volume (consequência da relação entre o formato, 15×22,5 cm / proporção 2:3, e o número total de páginas, 512) como na textura, cor e matéria dos papéis escolhidos, procura um universo intimista e natural, de descobertas e transições subtis. O seu desenho procurou a construção de um espaço de leitura híbrido, não hierárquico, livre e multidireccional nas duas línguas – inglês e japonês. O livro procura preservar as características únicas de cada idioma e, ao mesmo tempo, integrá-los de forma fluida no desenho tipográfico. Procurou chegar-se a um rigor e a um equilíbrio tipográfico, num peso comum e numa única escala, sem anular as especificidades formais e gráficas de cada sistema de escrita.

A cada obra, são distribuídos e fixados os elementos textuais que identificam a casa (autor, nome da casa, ano), sendo este último o elemento que organiza, em crescendo ou decrescendo, as páginas do livro. A grelha definida respeita a grande multiplicidade de formatos e proporções originais e potencia uma disposição narrativa e flexível de uma selecção de desenhos e imagens em cada página, possibilitando o isolamento ou agregação (pares, trípticos) de peças. Conscientes da leitura de cada dupla página como um todo, procurou-se ainda explorar a dicotomia interior/exterior, com uma concentração das fotografias de exterior, axonometrias, alçados e cortes na página esquerda e de imagens de espaços interiores e plantas na página direita, possibilitando o folhear do livro em dois gestos, de sentidos convergentes ou divergentes.

As casas são ladeadas por duas listas que as distribuem segundo dois parâmetros: ano de construção e autor. A sua dimensão textual e tabular, para além de auxiliar dois possíveis modos de navegação, permite uma vista geral, num mesmo plano, de todos os conteúdos textuais que identificam as casas. Num prolongamento da afirmação da *casa enquanto obra de arte*, na(s) capa(s) são apenas listados os nomes das 250 casas. É na capacidade de síntese e na dimensão narrativa do nome de cada obra, que aqui propomos um retrato escrito deste período da história da arquitectura do Japão.